



**“LUTA PELO DIPLOMA E O DIPLOMA PARA A LUTA”: DEZ ANOS DE PRESENÇA
INDÍGENA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**

Ana Cláudia Gomes de Souza¹

O presente resumo estendido é uma adaptação de um dos capítulos da tese² que defendi no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). O termo *luta* para os povos indígenas do nordeste brasileiro parece quase constitutivo do seu processo de construção identitária. Afinal, são séculos de luta, no decorrer dos quais nada lhes foi fácil. Luta, sobretudo, para o reconhecimento das suas identidades e manutenção dos territórios, já que ainda vivenciam verdadeiras batalhas para a garantia dos seus direitos constitucionais. Ao estudar a escola indígena no mestrado, e tentar compreender, mediante as próprias concepções nativas de identidade, as formulações sobre *ser índio*, na tentativa de entender a diferenciação existente entre índios e nãoíndios, e tomando essa diferenciação como uma chave interpretativa da educação indígena diferenciada, me deparei, novamente, com fortes menções à luta, como um dos pressupostos para a construção da identidade pataxó.

A luta pelos direitos originários ao seu território e à manutenção da sua cultura é interpretada enquanto categoria unificadora das representações nativas que foram compartilhadas através de um passado e de uma história únicos. Luta, pois, no sentido de que tudo o que eles conseguiram não foram dádivas, foram conquistas, conquistas a duras penas, com toda a luta³.

Entre os povos indígenas na Bahia, a noção de luta, muito frequentemente acionada, caracteriza-se pelo seu caráter coletivo, portanto supraunitário, e forjador, particularmente no caso da luta em torno da terra, de um *ethos* rigorosamente disciplinador.

O ingresso na universidade também será marcado pela luta, a “luta pelo diploma

1 Professora Assistente da Universidade Católica do Salvador (UCSAL). Pesquisadora do Programa de Pesquisas sobre Povos Indígenas do Nordeste Brasileiro (PINEB). Endereço eletrônico: anacla@ufba.br

2 A tese intitulada “Passou? Agora é luta!” Um estudo sobre ações afirmativas e a permanência de jovens estudantes indígenas na Universidade Federal da Bahia foi defendida em 2016, no PPGA/UFBA, e orientada pela Prof^a. Dr^a. Maria Rosário Gonçalves de Carvalho.

3 SOUZA, Ana Cláudia Gomes. *Escola e afirmação étnica: o caso dos Pataxó de Barra Velha*. (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, 2001, p. 42.



e o diploma para a luta”. A exemplo de muitos intelectuais indígenas que estão na luta pelos direitos indígenas, tais como Gersem Luciano Baniwa, Rita Potiguara, Florêncio Vaz, Luiz Henrique Eloy, Rosani de Fátima Fernandes, Daniel Munduruku, entre muitos outros, percebi em meus interlocutores, na pesquisa desenvolvida no doutorado, o ativismo que tem caracterizado os militantes indígenas intelectuais. Considero que essa consciência crítica sobre o processo de escolarização que vivenciam, é o que faz a diferença, nessa passagem pela universidade. Ou, como afirma Antônio Carlos de Souza Lima⁴,

Um convívio mais estreito com os movimentos indígenas mostra que no bojo do surgimento e da formação de um intenso ativismo, constitui-se uma intelectualidade de militantes indígenas que tem o potencial (pois tenta fazê-lo em múltiplas escalas) de transformar as relações entre o Estado e as suas coletividades. Tal intelectualidade militante tem buscado pensar e propor relações com os “mundos dos brancos” e vem se formando no bojo da luta política tanto quanto de universidades e faculdades não indígenas, produzindo sínteses e interpretações que buscam espelhar as orientações vindas de suas coletividades de origem. Com todas as limitações e contradições, tais sínteses apresentam uma fina percepção do que são esses “mundos dos brancos” e do que é o Estado Nacional. No limite, esses intelectuais militantes podem ser capazes de reconhecer aspectos positivos e negativos tanto das coletividades indígenas quanto nos espaços não indígenas, estabelecendo bases mais sólidas para a luta política e alianças nas quais os indígenas demonstram estar dotados de bases sólidas para a conquista da real autonomia.

Desse modo, decidi fazer uma apresentação e descrição do que representaram os dez anos de ingresso dos estudantes indígenas na UFBA a partir das suas percepções. A intenção foi apreender, pois, como o Programa de Ação Afirmativa é avaliado pelos estudantes indígenas, em curso e egressos. Para alcançar tal feito, a narrativa foi sendo produzida à medida que os relatos sobre a experiência na UFBA foram se insinuando em variadas circunstâncias, tendo como suporte metodológico a etnometodologia⁵ e a autoetnografia⁶, numa valorização das subjetividades dos atores envolvidos e da nossa interação, especialmente quando eu também fazia parte das atividades desenvolvidas,

4 LIMA, Antônio Carlos de Souza. Cenários da Educação superior de indígenas no Brasil, 2004-2008: as bases e diálogos do Projeto Trilhas de Conhecimentos. In: LIMA, Antônio Carlos Souza; BARROSO, Maria Macedo (org.). *Povos indígenas e universidade no Brasil: contextos e perspectivas*, 2004-2008. Rio de Janeiro: E-papers, 2013, p.23.

5 COULON, Alain. *A condição de estudante: a entrada na vida universitária*. Salvador: EDUFBA, 2008.

6 STRATHERN, Marilyn. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

VELASCO, Honorio; RADA, Ángel Díaz. *La lógica de la investigación etnográfica: un modelo de trabajo para etnógrafos de escuela*. Madri: Editorial Trotta. 2009.



não apenas enquanto pesquisadora, mas, sobretudo, enquanto colaboradora. Desse modo, a presente comunicação é uma tentativa de compreender a presença desses estudantes na UFBA, por meio da rede de interações estabelecida nos mais variados espaços da universidade e da cidade, sob a suposição de que “a vida social se cria constantemente, através das ações práticas dos membros”⁷, e estas foram boas fontes para a interpretação da realidade investigada.

A LUTA: DO ACESSO À PERMANÊNCIA

Os relatos, principalmente os relacionados à adaptação dos primeiros estudantes que se deslocaram para Salvador, são testemunhos dos sacrifícios implicados nas várias etapas percorridas até a conclusão do curso. Relata-nos Arissana Braz: “para participar da primeira fase, Anari pediu emprestado de um, de outro, eu vendi um quadro meu para Florent [FlorentKholer, antropólogo francês que tem produzido pesquisas entre os Pataxó]. Na segunda fase a secretaria colocou a gente em um hotel, levou-nos para fazer as provas e não sei se pagou as passagens”.

As lembranças de luta perpassam todas as etapas, a começar pela própria chegada em Salvador, o maior desafio, talvez, em virtude mesmo do desconhecimento do local e das pessoas:

Quando a gente entrou, a gente realmente não tinha nada. A gente chegou na rodoviária praticamente sem saber. A pessoa perguntou pra gente: “--você vão ficar aonde?” Eu olhei pra minha irmã, “aonde a gente vai ficar?”. Aí eu lembrei que eu tinha uma amiga, eu falei assim: “-- pensei que ela ia levar-nos pra casa dela”. Aí eu falei assim, não, tá bom, a gente vai pra casa de fulana, mentira que eu nem tinha falado com a fulana. Pronto. Então começou assim, tem essa dificuldade do estudante (Anari Braz).

Assim como a chegada, a permanência, para os primeiros estudantes, foi também marcada por muitas restrições materiais e falta geral de apoio. Para os egressos, de certo modo, as privações sofridas e veiculadas nas comunidades serviram para dissuadir os que ficaram sobre a possibilidade de virem estudar em Salvador. Uma vez que os jovens da comunidade se espelham nesses estudantes, e tendo sido as experiências caracterizadas por muita luta e resistência, elas geraram entre os primeiros certo receio.

⁷ COULON, Alain. *A condição de estudante: a entrada na vida universitária*. Salvador: EDUFBA, 2008, p.12.



Então porque não tava havendo ingresso? Hoje eu consigo entender melhor, porque quando a gente volta em casa, que a gente conversa com os jovens de lá sobre a possibilidade de estudar, formar, eles falam o seguinte: "--eu não quero ir pra lá passar pelo que você passou". Então, hoje, você fala "--não, pode ir, hoje é melhorzinho", você tem a bolsa permanência, você vai ter onde ficar. Aí você tem que incentivar, mas o povo não quer passar o que a gente passou (Sirlene Lopes).

Em todos os relatos que eu registrei, o período de estudo na universidade é referido como sendo pleno de sacrifício e privação, físico e psíquico. O corpo terá que se habituar com a disciplina requerida pelos estudos, e o psíquico às visões de mundo e códigos sociais prevalentes no âmbito universitário (observar a norma culta na escrita, por exemplo, assim como os comportamentos positivamente chancelados) e na sociedade local. Paladino, ao estudar a dicotomia "roça/estudo" entre os estudantes tikuna, observou:

o fato de que ao mesmo tempo em que o estudo é apresentado como uma alternativa ao sofrimento da roça (trabalho representado como pesado, duro e cansativo, que exige força e submissão do corpo a certas adversidades, como as climáticas e as ambientais), ele é também representado como um sofrimento e sacrifício⁸.

Entre os estudantes indígenas da UFBA encontramos a expectativa de que o "sofrimento do estudo" trará recompensas em termos pessoais e comunitários. O sofrimento, de certo modo, é extensivo também à família. Para Cremilda Braz, conhecida como Meruca, mãe de Arissana e Anari, quando as filhas vieram para Salvador foi muito difícil, ela ficava preocupada porque muitas vezes não tinha o "kaiãbá" para poder enviar para ajudar nas despesas. Mas não reluta em afirmar que "lutamos até vencermos"! Considera ter sido uma grande experiência, para elas e para outrem, porque abriu "o olho" para a maioria dos jovens de Coroa Vermelha, Barra Velha, que nunca haviam saído da aldeia. Lembra que, hoje, há muitos índios que estão na universidade de Minas Gerais (na UFMG), outros em Salvador. Para Meruca serviu de exemplo para os outros, ou como afirmou -- "abriu o caminho".

Sirlene Lopes observa que, assim que chegaram em Salvador, viviam muito isolados na universidade, tentavam não "se misturar". O isolamento apresentava-se como

8 PALADINO, Mariana. *Estudar e experimentar na cidade: Trajetórias sociais, escolarização e experiência urbana entre "Jovens" indígenas tikuna, Amazonas*. (Tese). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2006.

9 Kaiãbá significa dinheiro em patxohã, língua pataxó.



uma estratégia de defesa em face de um mundo que lhes parecia hostil e muito maior e poderoso que a pequena aldeia de origem: “nos juntamos aqui e tentamos nos defender ou então vamos nos perder nesse meio aqui”. O isolamento era também acionado em relação a outros movimentos sociais -- “porque nós também não somos acostumadas a nos envolver com outros movimentos que não seja o nosso (movimento indígena), a gente tá acostumada a lutar pra nós mesmos”. Com o passar do tempo, porém, perceberam que se fazia necessário aprender a lutar em outras frentes e com outros atores sociais, o que reconhecem não ter sido fácil. “Pra gente aceitar, foi uma luta. A gente começou a participar do DCE [Diretório Central dos Estudantes], a formar chapa no DCE. A gente pensou ‘não! a gente não vai se excluir deles e de mais ninguém, a gente vai se juntar’. E foi a partir daí que a gente começou a participar das reuniões, da chapa do DCE e vivenciar alguns espaços da universidade”, antes mantidos à distância.

E, de modo geral, os estudantes reconhecem que as dificuldades que passam não se restringem a eles, mas a todos que não se enquadram nos padrões da universidade. E, apesar dos obstáculos, o incentivo para que novos estudantes ingressem não cessa, “a gente incentiva muito, a gente vai pra lá e vê o jovem e colegas que estão concluindo, a gente incentiva eles a fazerem o vestibular, mas também a gente alerta, ‘oh, vai, mas é desse jeito, falando os prós e contras de estar na universidade”.

Palavras-chave: Estudantes indígenas. Luta. Universidade. UFBA. Ações afirmativas